

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.109

Domingo, 2 de Julho de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha-Lisbon-3339-0
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Internacionalmente falando...

Um «patriota» impenitente, desses patriotas que ainda consideram a pátria vasada nos moldes antigos, esbracejou, admirado, por termos garantido no nosso último número que Portugal naufragará, juntamente com a burguesia, na podridão onde chafurda. O patriota, que não compreendeu o nosso sentido, que não sabe aprofundar nas entrelinhas, afirmativamente supõe que nos referimos à perda da independência da nossa nacionalidade, à inevitável anexação do país a qualquer nação estrangeira, como a Irlanda, o Canadá e a Austrália à Inglaterra soberba e orgulhosa...

E todavia, o nosso pensamento não voou, leve ou pesadamente, para semelhante vaticínio. Portugal há de afundar-se, como afundar-se-ão também a Espanha, a França, a Alemanha, a Áustria, etc. Há de submergir-se sob o ponto de vista oficial, capitalista, autoritário, plutocrático, para resurgir sob outro aspecto mais esplendoroso, mais dignificante, mais libertário.

As pátrias de hoje não são as pátrias de ontem. Nas pátrias de ontem as fronteiras eram mais hermeticamente fechadas, tornando-se mais impossível a introdução dos estrangeiros, aos quais lhes eram devotados mais profundos ódios.

Na nossa «pátria», e principalmente entre nós, merced da incompreensão dos governos, do desleixo dos rotineiramente patrióticos e da pouca iniciativa dos nossos burgueses, que querem ganhar muito sem empate de capital, os estrangeiros invadem legalmente, os países, onde assentam arruínas e exploram as principais fontes das riquezas nacionais. É uma situação flagrante dos princípios internacionalistas...

A constante evolução dos tempos, dos progressos, das sciências, das ideias, da humanidade foram, irresistivelmente, ao estreitamento das relações nacionais e internacionais. Os governos vão-se entendendo para esmagar o operariado, o operariado vai-se intelligenciando para se libertar da tutela humilhante da burguesia mun-

dial. Os governos reconhecem que os seus países, não se bastando totalmente a si próprios, precisam de entabolar negociações com as outras pátrias. Os trabalhadores, reconhecendo que para a conquista plena da liberdade, para o aniquilamento radical duma sociedade iníqua, para o estabelecimento entressenhado dumas instituições justas, equitativas, fraternais, é conveniente a solidariedade de todos os povos escravizados, dão-se as mãos por debaixo das fronteiras, sem preocupações de raças, de línguas, de cores.

Ao lado das internacionais revolucionárias das camadas produtoras, os governos ergueram, raquíticas, aporreadas, tropeças, as suas Ligas das Nações. As primeiras, embora por veredas diferentes, vão vagarosamente, seguramente, vitoriosamente, caminhando para o triunfo definitivo da Humanidade livre na Terra livre; as segundas, cambaleantes, desorientadas, desalentadas, encenam-se nas brechas espessas da inutilidade dos seus esforços, da superficialidade das suas discussões, da noção das suas teorias. Umas, na ansia porfiada de mais depressa se chegar à perfeição social, à verdadeira implantação dos direitos do homem, que é o mesmo que a conquista dos direitos à existência livre, assegurada e feliz, aprofundam temas, conversam planos, dissertam razões baseadas nas sciências teóricas-práticas, na história natural e social — mas vão-se inclinando para a frente; outras, na ambição estulta e sangrenta do predomínio e divisão das partilhas da empresa guerrilheira, zaragatam coléricamente numa fastidiosa de discursos pesados e compridos, estirados ao sol das ameaças de novas lutas entre os amigos de ontem. É verdade que, devido ainda a haver muita incultura nos povos, estes facilitam e coadjuvam, até certo ponto, os ruins desígnios do capitalismo militarista, opressivo e conquistador.

Olhando friamente tudo quanto se passa em redor de nós, constatamos que os estados, que são

dem, o caso fica definitivamente arrumado.

Pró-A BATALHA

Se és trabalhador consciente, lê e propaga A BATALHA

No cartaz, no manifesto, no livro, na correspondência, enfim em todas as publicações deve ser sempre leia colocado de maneira que o povo explorado leia e raciocine. Por todo o país, da cidade à mais pequena aldeia, a propaganda de A Batalha deve ser feita para que a verdade entre nos lares de todos os trabalhadores, desde que os seus amigos estão na disposição de a defender e de lhe criar uma vida forte para o combate, recomendando-a aos camaradas das terras onde ela, por infelicidade desses próprios camaradas, ainda não chegou.

A grande Comissão Pró-A Batalha, continua recebendo a cooperação de trabalhadores conscientes da província que, animados a dar uma vida triunfal ao nosso órgão na imprensa, se esforçam em organizar sub-comissões para promover recitas de propaganda e outras diversas de carácter proletário.

É preciso, pois, que todos os operários saibam cumprir o seu dever, lendo

e propagando A Batalha, porque assim fazendo, formar-se há de certo o verdadeiro espírito revolucionário e fortalecer-se há a sua organização! Nas oficinas, nas fábricas, nos ateliês, nos quartéis, por toda a parte, A Batalha deve chegar às mãos dos escravos, do povo explorado, do homem que deseja uma vida de liberdade e bem-estar.

Na sede da C. G. T., Calçada do Combro, 38-A, 2.º, encontram-se todas as noites delegados da grande Comissão Pró-A Batalha para fornecerem instruções para a boa propagação e receberem quaisquer municações.

Convocação

Hoje, pelas 15 horas, na sede do S. U. da Construção Civil, reúne toda a Comissão Pró-A Batalha para tratar de assuntos importantes. Conforte a resolução tomada nas sessões passadas, nenhum camarada deve deixar de comparecer sem justificar a sua falta.

A PROPOSITO DO CONGRESSO

Esclarece-se definitivamente uma ligeira dúvida

Não se trata, evidentemente, de uma controvérsia; é mesmo uma questão muito fácil: o camarada António Gonçalves Dias, no artigo que provocou o meu primeiro, refere-se a um confusionalismo perturbante que certos elementos têm desenvolvido no interior da nossa organização.

Eu, com toda a simplicidade, com toda a franqueza, confessei não compreender onde Dias pretendia chegar. Referia-se ao desleixo manifestado por certos camaradas nos cargos sindicais ou a elementos que, porventura, existissem, e que contrariassem a acção sindical, e perguntei.

Dias porém, esclarece: «Então você não sabe da referência feita à organização sindical, no manifesto do partido comunista, não sabe do incidente com a T. C. P.»

E dizendo isto julga ter esclarecido convenientemente.

Meu caro Gonçalves Dias: as questões não têm a importância que nós lhes que damos.

Um incidente (?) da natureza da do P. C. P. — C. G. T., conduzido à organização burguesa, seria, o máximo, qualquer coisa que um guarda cívico resolveria.

Arranjados estávamos se fôssemos dar importância de relevo, aos manifestes de todos os partidos políticos que fizesses referência à organização operária.

E demais, a caravana passou e com facilidade.

Agora, evoca-se o caso como manifestação dum latente confusionalismo, não pode dar lugar a que ele se inicie.

Se o Congresso se manifestar ou não, não sei, mas se o fizer, é meu entender que, com uma simples questão prévia dum não menos simples modo de or-

dem, o caso fica definitivamente arrumado.

É sobre este assunto e convencido de que não existe confusionalismo a dentro da organização, desejo que o camarada Dias não insista em querer-nos provar da sua existência.

Aproveito Gonçalves Dias a ocasião para apreciar algumas conclusões minhas, começando por manifestar a sua discordância com a Federação Mutualista Operária, cuja organização alvitre.

Diz que em vez de alenarmos a causa, devemos suprimi-la.

Eu direi: devemos atenuá-la tanto quanto possível, contando sempre que pode demorar a sua supressão.

Não desejo, simplesmente, com isto, defender o meu alvitre, apenas contrapor um princípio a outro princípio.

Sobre a cota sindical e sobre as J. S., concorda.

Agora, duas linhas mais: Se inopinadamente me anteceder às considerações que o camarada Dias de-sejava levar a cabo, foi pelo facto de, as coisas apresentadas, não ter emparelhado as resoluções respectivas, e também pelo facto de Dias não fazer referência ao problema mais importante, de necessidade mais imediata como seja a criação de receitas que termine com a precária situação financeira que a organização tem atravessado.

De resto, estava longe de supor que o camarada Dias tencionava limitar nas suas apreciações e eu não vejo motivo para assim não fazer.

Hi questões que precisam ser permanentemente debatidas e o camarada Dias não tem o direito de se eximir, assim o exigem a competência e a elevação que tem manifestado.

Antonio C. B. ARAÚJO

Conferências

«Igualdade e Naturismo»

É hoje que pelas 20 horas se realiza na Rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, a conferência pelo camarada Gonçalves Correia, sob o tema: Igualdade e Naturismo, organizada pelo Centro de Propaganda e Estudos Sociais, aceitando o orador controversia.

A entrada é livre.

Operários, jovens, avançados, naturalistas, não faltar a esta conferência

Rebeldias

Tem sido publicamente afirmado pelos homens das forças vivas e também por pessoas não mal intencionadas, que do grémio daquelas não pertencem, que o operariado é que tem provocado, com as suas greves pelo aumento de salário, a carestia da vida. Sei que isto não é assim e igualmente o sabem de ciência certa os organismos sindicalistas, motivo porque tem contestado semelhante afirmação, que todos quantos são trabalhadores conscientes não ignoram que está longe de corresponder à verdade, havendo os mesmos organismos atribuído pelo contrário, as dificuldades da existência à usura de comerciantes e industriais e também aos erros dos que governam. E na verdade o que os primeiros, na ansia de sacudirem a água do seu capote, tem sustentado de ser causa, provam os factos que é efeito.

Se exceptuarmos a greve dos operários da indústria mobiliária, operários que há mais de três meses lutam com denuído pela satisfação de reclamações de carácter económico, pode afirmar-se que nos últimos tempos a classe trabalhadora se tem mantido numa grande quietude, no que diz respeito a movimentos por aumento de salário.

Apesar disso, o azeite subiu de preço e de preço subiram sensivelmente, entre outros géneros: a carne, as batatas, os ovos, o vinho e o leite. E sobre o último a que, como aos ovos, deveria fixar-se um valor venal razoável, porque tem, ou antes deveria ter, largo consumo entre as pessoas doentes — e estas são aos milhares — já pensam os respectivos comerciantes fazer incidir novo aumento, o que, além do mais, revela por parte desses milhares uma ausência absoluta de escrúpulos.

Todavia, se amanhã, por virtude da rapidez das coisas que se enchem a vista da miséria do povo, as corporações operárias se movimentarem no intuito de obterem salários que as habilitem a consumir na medida das suas necessidades orgânicas, veremos novamente, levantar-se contra elas não só os que promovem a carestia das coisas, mas também os governantes, apesar destes, dada a circunstância de se mostrarem dispostos a conceder uma nova subvenção ao funcionalismo público, reconhecerem implicitamente que é impossível aos que trabalham viver com os actuais ganhos.

Al exandre VIEIRA.

Aos operários do mobiliário

CAMARADAS.

Vamos entrar na 16.ª semana de luta!

Luta heróica em que a nossa inabalável fé de vencer tem servido de lenitivo a todos os sacrifícios acumulados!

Luta que nos tem servido para melhor aquilatar o espírito que anima aqueles para quem, durante uma existência inteira, nos temos definhado, produzindo.

A nossa dignidade, os nossos lares, a garantia do pão para todos os nossos entes queridos, impõem-nos ainda que amanhã, o máximo número de operários, mesmo os que já estão nas oficinas, venham à rua fazer a vigilância e a demonstração aos nossos adversários de que estamos unificados para a vitória!

O Comité Central

«O Intransigente»

Sai hoje o número único e último de O Intransigente, em homenagem ao seu fundador, o vice-almirante Machado Santos, revertendo o produto da venda a favor do cofre da comissão do Mau-soleu.

ARTE

O sr. José Teixeira abre hoje na rua Serpa Pinto, 70, uma exposição de quadros antigos e modernos.

VALORES POSTAIS

A Casa da Moeda remete no próximo paquete para o Estado da Índia valores selados e postais na importância de \$6.345\$19.3.

ÉVORA, 1.—T.—Por ordem do governador civil foi selada a fábrica de moagem e o armazem e apreendida a farinha hoje distribuída, sendo instaurado processo por serem provadas falcaturas. —Correspondente.

Para a história da colonização portuguesa

A PROSTITUIÇÃO EM LOANDA

A soldadesca ignorante e os oficiais da comitiva do sr. Norton prostituem, espancam e abandonam, com os filhos, as mulheres negras indefesas

Tudo isto... porque a legislação colonial portuguesa não falta «um grande sopro de humanidade»

O Mundo de ontem teve a má ideia de defender uma causa perdida, atacando-nos. Quiz provar — talvez por dovaneio literário — que a prostituição da mulher e das filhas não poderia causar grande sofrimento ao negro, ao selvagem, porque este não possui nenhuma noção de dignidade pessoal.

A argumentação do Mundo é infeliz e nós não queremos com ela especular; apenas nos limitamos a analisá-la com toda a lealdade. Admitamos que um selvagem não possui realmente nenhuma noção de dignidade pessoal. Muito bem. Segundo a moral do Mundo, pelo facto de o pobre negro não possuir essa «dignidade», devem os cavalheiros que vão da metrópole com toda a noção da dignidade pessoal prostituir-lhe a mulher e as filhas.

A prostituição deixa de ser prostituição desde que o preto ignore os prejuízos morais e sociais que ela causa. O acto indigno desses cavalheiros que O Mundo pretende, com tanta pouca habilidade, descalpar, passa a ser uma obra digna, um gesto louvável, útil talvez, porque o preto não possui o discernimento necessário para avaliar da sua baixaza.

Bem dissemos nós no começo deste artigo que O Mundo estava defendendo uma causa perdida. A insensibilidade moral do negro perante o crime, não pode representar a reabilitação desse crime.

Infelizmente para O Mundo, a prostituição tem sido fomentada pelos portugueses mesmo em lugares onde o negro não é — como o julga o snelista que nos atacou —

um selvagem, absolutamente selvagem, falto de «dignidade pessoal». De Loanda tem-nos chegado protestos exaltados de negros que compreendem muito bem que os portugueses, com toda a sua «noção de dignidade pessoal», estão cometendo naquela cidade as infâmias mais revoltantes, os crimes mais abjectos e condenáveis.

A maneira como as mulheres estão sendo tratadas em Loanda merece ser conhecida na metrópole onde há ainda quem julgue que o selvagem não tem «dignidade pessoal».

O soldado que vai daqui da metrópole, analfabeto, pleno de preconceitos bárbaros, logo que se sente em terra de pretos, lembra-se do glorioso tempo das conquistas e descobertas e quer ser herói. A heróicidade para ele, cérebro obtuso, onde os raios luminosos duma moral são e alevantada não conseguem penetrar, cifra-se em agredir os negros indefesos e desarmados, para mais tarde contar na terra os seus «grandes feitos», e em praticar os mais violentos atentados contra o pudor das mulheres que não tem quem as defenda. Por isso contam-se agora em Loanda, segundo informações que recebemos, inúmeros crimes de estupro. Mas não é apenas a soldadesca ignorante que pratica estes crimes abjectos; também os senhores oficiais da comitiva do alto comissário desfloram, perseguem e espancam as mulheres que lhes caíam nas mãos.

Mas que importa que esses factos lamentáveis se deem, sob as vistas complacentes desse patriota exaltado, desse democrata apaixonado, desse trabalhador incansável pelo desenvolvimento de Angola, que é o sr. Norton de Matos, se o preto não tem «nenhuma noção da dignidade pessoal»?

As vítimas queixam-se às autoridades, estas, porém, que lhes conhecem a falta de dignidade pessoal, não atendem as queixas... não vale a pena.

Estes crimes, em regra, dão fruto — fruto inocente que as mães abandonadas em plena miséria nearinham, chorando. E porque têm uma alta «noção da dignidade pessoal» os pais esquecem os filhos, deixam-nos entregues apenas a débil protecção das mães. E não são raros os suicídios de algumas mulheres que, na impossibilidade de sustentar os pobres orfanos, sem culpa de vir ao mundo, preferem perder a vida a vê-las debater-se angustiosamente na fome e na miséria.

Faz bem O Mundo em cantar as belezas da colonização portuguesa. Os factos que vimos apontando devem ser fruto da nossa legislação colonial «a que não falta um grande sopro de humanidade».

Foi pena que O Mundo se precipitasse nos seus comentários, porque ontem citávamos alguns factos edificantes, passados com os funcionários nativos de Loanda, que bem mostram qual potente é o grande sopro de humanidade da legislação colonial portuguesa.

Mário DOMINGUES

Pensamentos do Padre António Vieira

Um clássico que tinha ideias modernas — Con-
ceitos do século XVII que se adaptam
ao século XX

Da Cunha Dias está elaborando um estudo interessantíssimo, que verá, em breve, a luz da publicidade, sobre a grande figura da nossa literatura clássica que é o padre António Vieira.

Escusado será mencionar a importância enorme que para os estudiosos reveste esse estudo. Padre António Vieira, apesar de jesuíta, era um homem de conceitos liberalíssimos. E para admirar que ele, vivendo no século XVII, tivesse pensamentos duma observação tão clara e profunda como muitos filósofos do século XX. Permitimo-nos resgatar das provas desse livro utilíssimo que o dr. Da Cunha Dias está preparando, os seguintes pensamentos que nos atraíram pela beleza do estilo, pela filosofia profunda e até pelo arrojado da concepção:

Os pequenos não comem, nem podem comer os grandes; os grandes, porque podem, são os que comem os pequenos. Por isso, os povos estão tão despojavados e tão comidos e os comedores tão cheios e tão fartos.

Ao homem fê-lo Deus para mandar, aos brutos para servir. E se os brutos se rebelaram contra Adão, e não quiseram servir ao homem sendo tão inferiores, triste e miserável condição é haver um homem de servir a outro, sendo todos iguais.

Parece que competiu a potência e maldade humana com a omnipotência e bondade divina a fazer outro sacramento às avessas do seu. O Todo Poderoso converte a substância do pão em substância de carne e sangue para que comêssemos seu corpo; os todos poderes convertem a substância da carne

e sangue do povo em substância de pão para o comerem eles.

Deus faz-se pão para vos sustentar, e os homens fazem de vós pão para vos comerem.

Quem tem muito dinheiro, por mais inepto que seja, tem talentos e préstimo para tudo; quem o não tem, por mais talentos que tenha, não presta para nada.

Nenhuma coisa há no mundo que tanto pese com os homens e de que eles tanto se presem e desvançam como da nobreza do sangue. Se a nobreza e a graça, se as manchas do sangue e as manchas da consciência andaram na mesma reputação, estivera reformado o mundo.

Não há coisa mais difícil que eleger um homem a outro homem, porque ou

o conhece ou não. Se o não conhece, eleger às cegas, e se o conhece, também porque se o conhece, ou o ama, ou o aborrece, e tão cego é o amor como o ódio, mas é certo que, com paixão ou ainda sem ela, nenhum homem conhece a outro.

A origem e nome do papel foi tomada das cascas das árvores que, em latim, se chamam papyrus, porque aquelas cascas foram o primeiro papel em que os homens escreviam ao princípio; depois deram em curtir as peles, e se facilitou mais a escritura com o uso dos pergaminhos; finalmente se inventou a praga do papel de que hoje usamos.

De maneira que, se bem advirmos, foi o papel, desde seus princípios, matéria de escrever e invenção de esfolar — com o primeiro papel esfolavam-se as árvores, com o segundo esfolavam-se os animais, com o de hoje esfolam-se os homens.

que se diz civilizada, ainda se tentam resuscitar para meros fins mercantis.

Isto significa que os artigos publicados pelos nossos camaradas de redacção Cristiano Lima e Mário Domingues foram ao encontro do sentimento de revolta que, tam degradante espectáculo estava provocando em criaturas que não estão dispostas a abdicar perante quaisquer actos degradantes para a espécie humana.

Os conflitos e protestos que quasi todas as noites se davam na barraca da Feira Mayer, fizeram compreender ao seu proprietário que semelhante bariedade não podia continuar. E o mérito da barraca consistiu em compreender que a hostilidade lá aumentando contra a diversão, E antecipou-se, fazendo-a cessar.

Em vez dum homem, passou a ser um boneco a servir de alvo para o estremo tratamento.

Tese a discutir no Congresso Nacional Operário

"Remodelação na estrutura da organização sindical e confederal"

Relator: JOAQUIM DA SILVA

Preambulo

Humildes operários que somos, pouco instruídos e versados na questão social, apenas com a bagagem da boa vontade e espírito revolucionário que devem possuir todos os militantes sindicais, abrimos esta pequena tese com o seu respectivo preambulo, expondo a apreciação e consideração das camadas congressistas, alguns conceitos e opiniões já expostos, em diversos trabalhos de estudo, para o que há a fazer, para o êxito da transformação social.

Esses conceitos e essas opiniões, não é demais a sua repetição e apreciação, numa tão selecta reunião de operários conscientes e militantes revolucionários, que mais uma vez terão o dever de ponderarem a reconhecida inteligência de ilustres sociólogos, que com a luz da sua cerebração, têm bem alumado a estrada tam pedrada de obstáculos que o proletariado tem percorrido em procura da sua emancipação económica e social.

Esses sociólogos nos dizem, e nós constatamos com o nosso critério de revolucionários, que o actual estado burguês, antes que queira, não poderá impedir que a Revolução se faça, muito embora os seus magnates e defensores tenham pretendido desviar da corrupção da legislação, *várias leis sociais*, protectoras do trabalho, leis que não protegem coisa alguma, nos países onde essa corrupção tem sido desfeita.

Por muito conteúdo social que a burguesia injecte nos seus programas políticos, o sistema capitalista da produção, há de morrer sistematicamente: o regime veluto da propriedade privada.

Os defeitos e prejuízos dessa má organização, já a vinham abalando nos seus mal construídos alicerces, e se é certo que a humanidade, nos seus estereótipos reivindicadores de liberdade e igualdade, já tinha alçado o velho edifício capitalista, esse edifício mais se descompartimentou com o terrível abalo que sofreu, com o último catástrofe europeu, ou seja, a última guerra, que foi o *De Profundis* da burguesia universal.

O seu edifício está em desmoronamento.

E' inútil escorá-lo. Já quasi se distinguem o oco da evolução burguesa, que tem o mesmo vício de origem, que deu causa à morte das outras castas precedentes.

A queda da burguesia, há de ser remanejada mas o seu oco há de ser preenchido, que o oco das deusas do Olimpo. Diz a fábula que estes deuses, pelo menor, possuíam graça e beleza mas o bezerro de ouro da burguesia, é feio e repulente até não poder ser, e o seu culto produz erros e horrores, devidos aos egoísmos individuais e de classe; produziu as misérias, que são o produto do assombaramento capitalista e as mortandades originadas pela propriedade privada; as ferocidades da exploração do homem pelo homem; o paralelismo do pauperismo crescente, ao lado da crescente riqueza; a miséria e a morte do grandíssimo número de seres humanos, ao lado do pequeno número de homens, senhores de todas as riquezas, e que as saboreiam até à indigestão.

Além do sistema de civilização, tinha pois que ter o seu termo, e a civilização burguesa, cheia de vícios e iniquidades, tem que ceder o lugar à civilização proletária.

E' o oco burguês que provoca a autocracia proletária. E' a morte de uma civilização burguesa, que não trouxe às multidões todos os benefícios que podia e devia trazer-lhes.

E' a autocracia da civilização proletária que surge para a vida não excluindo ninguém dos benefícios do progresso.

E assim a humanidade desviada das suas origens de liberdade e igualdade; pelo egoísmo anti-social de castas e classes dominantes vai lançar-se no percurso retilíneo do progresso, guiada pelo egoísmo dum classe que não admite entre os homens, outras diferenças além das naturais.

Essas diferenças naturais de cor, de linguagem, de mentalidade, etc., não são nem foram, em tempo algum, os verdadeiros motivos essenciais de inimizades entre os homens. Têm sido os pretextos, para encobrir a injustiça do roubo que é a conquista e o latrocínio da exploração do homem pelo homem.

Essas diferenças naturais dum grupo para outro e de individuo para individuo não constituem uma base lógica nem racional, para que um reduzido número de homens tenha a pretensão de fazer derivar a desigualdade económica, dessas mesmas diferenças, que não foram tomadas como base da sua convivência social pelo homem primitivo; e de primeira intuição, que não existe no género humano uma disparidade de tal ordem, que possa dar a alguém um motivo para expoliar e dominar outros homens.

E as multidões de todas as épocas, na sua simplicidade de criaturas primitivas, que a metafísica não tem podido totalmente prevenir, assim compreenderam sempre, ao formular as suas aspirações e reivindicações.

Escutai esta interpretação do direito natural da boca dum homem, cujo nome vos seja grato, mas cuja acção tenha sido recentemente nefasta para os trabalhadores.

Escutai a dos lábios de Clemenceau, quando ainda não tinha chegado às culmínias do impotente poderio governamental, para levar esse direito natural à prática.

As seguintes palavras, foram proferidas por ele no senado francês no ano de 1902.

O homem quando nasce, apresenta-se com os seus direitos à existência e logo a seguir o Socialismo lhe diz: todos os homens têm direitos iguais à sua existência.

O que quer pois o proletariado militante e consciente, é justo e benéfico; é a base da civilização, sem a qual não pode salvar-se.

Pode ser livre o homem, sem condições de existência? Pode ser livre neste inferno dum trabalho efectuado em condições brutificantes e que, além de absorver toda a sua vida, não tem a retribuição suficiente para reparar o dispêndio das suas forças? É por acaso um homem, no meio desta orgia continua da ociosidade triunfante?

O fim da humanidade, é a realização da mais alta cultura que for possível em todos os indivíduos; a maior soma de vida e saúde; o maior gozo sem prejuízo. Todo o homem deve encontrar na sociedade, o que encontrou em sua mãe quando nasceu: o alimento adequado.

E porque assim não tem sucedido, vendo-se milhões de criaturas que toda a sua vida trabalhando, nunca souberam o que era a satisfação das suas necessidades; e ainda porque essa desigualdade social, que tem ocasionado verdadeiros crimes de lesa-humanidade, como os morticínios que se veem dando na Rússia, onde a fome tem vitimado milhões de seres humanos, crimes que, embora suavemente, se veem praticando no continente português, amanhã se desenvolverão em maior escala, como ultimamente se desenvolveram em Cabo Verde; não pode por mais tempo subsistir sobre a terra, como contrária ao direito natural.

Tendo pois em atenção, que a actual organização industrial e capitalista falhou nos seus processos de administração e civilização, dando em resultado da sua direcção e propriedade, a maior desordem política e social, ocasionado o labirinto de milhões de trabalhadores em todo o mundo, motivado no desequilíbrio da produção, e consequentemente no desequilíbrio capitalista, urge, pois, que uma outra organização se imponha, pela justiça e equidade, dando a todos os seres humanos, a paz espiritual, a liberdade e a satisfação no gozo de tudo quanto à humanidade laculta a Natureza.

Essa organização é a proletária, que fortalecida e bem orientada, deve em muito breve espaço de tempo, apoderar-se de todos os meios de produção, afim de substituir a velha e decrepita organização industrial e capitalista, que tantos males causou à humanidade, implantar em toda a terra, o regime de paz e amor: O Comunismo libertário.

peitavel, as respectivas federações de indústria ver-se-ão continuando embaraçadas para conseguirem o estabelecimento do acordo federal entre todos os trabalhadores das diversas indústrias, que deverão estar federados, apenas estão pessimamente sindicados.

Não só o Congresso de Coimbra reconheceu a utilidade da organização de Sindicatos Unicos, votando o estímulo pela Constituição desses Sindicatos, como também reconheceu o prejuízo que os Sindicatos Mistos causam à organização em geral, por motivo de serem um entrave à acção federativa.

Decorridos dois anos podemos afirmar que as respectivas Federações de Indústria existentes no país e em especial a Federação Metalúrgica, constatarem os benéficos resultados obtidos pela constituição e funcionamento dos Sindicatos Unicos, pelas seguintes vantagens:

Coesão e disciplina sindical; facilidade na luta contra o patronato; uniformidade para o conseguimento das reivindicações económicas e sociais; facilidade na administração sindical e aproveitamento de energias dos respectivos militantes.

Por último acrescentaremos que os Sindicatos Unicos estão logicamente satisfazendo a acção federativa, porquanto eles propriamente por si, representam uma federação de profissões das respectivas indústrias.

Defendendo a constituição de Sindicatos Unicos, somos de opinião que estes se constituam por indústrias, tomando por base material por essa a forma que mais convém ao entendimento profissional e unificação das forças proletárias, para a luta contra o patronato e coordenação técnica para a direcção do trabalho.

Havendo opiniões que a constituição de Sindicatos Unicos não assente sobre a base da matéria, pretendendo que sejam constituídos, segundo o critério das indústrias e serviços públicos em exploração, nós mantemos a afirmativa de que tais opiniões, sendo seguidas actualmente, virão contribuir para entrar o entendimento e aproximação dos trabalhadores das indústrias correlativas dependentes da mesma matéria.

Será preciso ter em conta, que certas indústrias, como a da Metalurgia, que na próxima Revolução assumirão graves e principais responsabilidades, não pode, sem perda da sua necessária unificação, ter a sua organização e constituição por outro sistema senão o do agrupamento dos seus trabalhadores em meios respectivos Sindicatos Unicos e estes na respectiva Federação.

Para a montagem de toda a engrenagem técnica e directiva da produção, ninguém neste momento pode negar a necessidade que há de seguir a tática de uma organização unificada, debaixo do ponto de vista em que devem todos os trabalhadores que exercem profissões assimiladas e dependentes da mesma matéria, organizarem-se sobre a base de um entendimento mútuo, e essa organização não poderá ser outra senão a dos Sindicatos Unicos.

Adoptar outra tática, seria um crasso erro de organização, como erro de organização e de tática e o pretender conservar por mais tempo a existência dos Sindicatos Mistos e os Sindicatos Nacionais.

Estes, que pela sua estrutura e funcionamento, não são mais do que Sindicatos Mistos, se não há razão para a sua existência como Sindicatos Mistos, menos razão há para a conservação da classificação de Sindicatos Nacionais.

E... oh! irrisão! Quando nós, os revolucionários, pretendemos destruir tudo quanto cheira a nacionalismo, devemos pois temer na incoerência de tal classificação? E quais os argumentos e a lógica que imperam para a nacionalização de tais organismos? Será porque esses sindicatos tem as suas Secções espalhadas pelo país?

Não. Por menos, alguns não as têm, nem probabilidades de as criarem, por a tal se oporem o bom senso e a lógica.

Existindo duas classes, a dos *chauteurs* e a dos *Correios e Telégrafos* que também os seus sindicatos se encontram dentro da Confederação, com a mesma classificação não asseveramos que só uma pouca vontade de acertar, tem contribuído para uma tal anomalia.

Quer uma, quer outra classe, muito embora se diga que a sua especial organização obedece à forma de como os seus componentes se encontram espalhados por todo o país em tam reduzido número em terras distantes umas das outras que torna impossível a constituição de Sindicatos, poderiam constituir os seus Sindicatos regionais, empregando a tática de organização, estabelecida pelos camaradas ferroviários no seu recente Congresso.

Um dos defeitos de organização, é a existência dos Sindicatos Mistos, que constituídos por uma amálgama de trabalhadores de diversos ofícios, profissões e misteres, exercem a sua acção muito fora do conceito federativo, prejudicando até mesmo esse conceito, porque fugindo do entendimento e disciplina federal, restringem a sua acção, apenas à defesa dos interesses dos seus sindicatos, representados muito egoisticamente pelo seu valor, apenas pela luta pró-aumento de salários e outras comodidades que de longe se alcançam, dando origem à flagrante disparidade entre os trabalhadores em geral.

Esse sistema de organização tem o defeito de tornar enfraquecida a acção sindicalista revolucionária, porque não saindo do campo restrito das reivindicações só em proveito dos seus organizadores que seguem tam pessima tática; é o entrave constante para que a organização federal se robusteca e consiga a unificação das classes, que debaixo do ponto de vista profissional, devem chegar ao máximo entendimento técnico, económico e social.

Pelos argumentos expostos, se verifica que a continuar existindo a organização de Sindicatos Mistos, cujo elevado número de componentes, em muitos desses Sindicatos, atinge uma cifra respeitável, a sua existência é uma ameaça à unidade da classe.

Um dos defeitos de organização, é a existência dos Sindicatos Mistos, que constituídos por uma amálgama de trabalhadores de diversos ofícios, profissões e misteres, exercem a sua acção muito fora do conceito federativo, prejudicando até mesmo esse conceito, porque fugindo do entendimento e disciplina federal, restringem a sua acção, apenas à defesa dos interesses dos seus sindicatos, representados muito egoisticamente pelo seu valor, apenas pela luta pró-aumento de salários e outras comodidades que de longe se alcançam, dando origem à flagrante disparidade entre os trabalhadores em geral.

Esse sistema de organização tem o defeito de tornar enfraquecida a acção sindicalista revolucionária, porque não saindo do campo restrito das reivindicações só em proveito dos seus organizadores que seguem tam pessima tática; é o entrave constante para que a organização federal se robusteca e consiga a unificação das classes, que debaixo do ponto de vista profissional, devem chegar ao máximo entendimento técnico, económico e social.

Pelos argumentos expostos, se verifica que a continuar existindo a organização de Sindicatos Mistos, cujo elevado número de componentes, em muitos desses Sindicatos, atinge uma cifra respeitável, a sua existência é uma ameaça à unidade da classe.

Um dos defeitos de organização, é a existência dos Sindicatos Mistos, que constituídos por uma amálgama de trabalhadores de diversos ofícios, profissões e misteres, exercem a sua acção muito fora do conceito federativo, prejudicando até mesmo esse conceito, porque fugindo do entendimento e disciplina federal, restringem a sua acção, apenas à defesa dos interesses dos seus sindicatos, representados muito egoisticamente pelo seu valor, apenas pela luta pró-aumento de salários e outras comodidades que de longe se alcançam, dando origem à flagrante disparidade entre os trabalhadores em geral.

Esse sistema de organização tem o defeito de tornar enfraquecida a acção sindicalista revolucionária, porque não saindo do campo restrito das reivindicações só em proveito dos seus organizadores que seguem tam pessima tática; é o entrave constante para que a organização federal se robusteca e consiga a unificação das classes, que debaixo do ponto de vista profissional, devem chegar ao máximo entendimento técnico, económico e social.

Pelos argumentos expostos, se verifica que a continuar existindo a organização de Sindicatos Mistos, cujo elevado número de componentes, em muitos desses Sindicatos, atinge uma cifra respeitável, a sua existência é uma ameaça à unidade da classe.

Um dos defeitos de organização, é a existência dos Sindicatos Mistos, que constituídos por uma amálgama de trabalhadores de diversos ofícios, profissões e misteres, exercem a sua acção muito fora do conceito federativo, prejudicando até mesmo esse conceito, porque fugindo do entendimento e disciplina federal, restringem a sua acção, apenas à defesa dos interesses dos seus sindicatos, representados muito egoisticamente pelo seu valor, apenas pela luta pró-aumento de salários e outras comodidades que de longe se alcançam, dando origem à flagrante disparidade entre os trabalhadores em geral.

Esse sistema de organização tem o defeito de tornar enfraquecida a acção sindicalista revolucionária, porque não saindo do campo restrito das reivindicações só em proveito dos seus organizadores que seguem tam pessima tática; é o entrave constante para que a organização federal se robusteca e consiga a unificação das classes, que debaixo do ponto de vista profissional, devem chegar ao máximo entendimento técnico, económico e social.

Pelos argumentos expostos, se verifica que a continuar existindo a organização de Sindicatos Mistos, cujo elevado número de componentes, em muitos desses Sindicatos, atinge uma cifra respeitável, a sua existência é uma ameaça à unidade da classe.

Classes que reclamam

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante

Uma comissão delegada do pessoal dos Transportes Marítimos esteve ontem no ministério do commercio reclamando contra o atraso no pagamento dos respectivos vencimentos. Os comissionados foram atendidos pelo chefe de gabinete do ministro.

Foi dirigida ao parlamento uma enérgica representação a fim de ser aprovada a verba pedida pelo ministro do Commercio para pagamento dos vencimentos das tripulações dos T. M. E.

Pessoal do Arsenal da Marinha

A Comissão de melhoramentos do pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, avistou-se ontem com o ministro da Marinha, que sobre a anunciada subvenção aos assalariados, prometeu interessar-se pelo pessoal das classes estabelecimentos.

Manipuladores de Pão

Reuniu a direcção juntamente com a comissão de melhoramentos, tendo resolvido entre outros assuntos de interesse continuar reclamando junto das autoridades competentes para a solução do conflito existente entre os operários e os industriais. Para dar conhecimento de todas as *démarches* efectuadas, reúne a classe amanhã pelas 10 horas da manhã.

Resolveram também pedir a comparação da direcção dos operários manipuladores de farinhas, massas e bolachas, hoje, pelas 4 horas para um assunto urgente.

Distribuidores de jornais do Porto

Reuniu extraordinariamente a direcção do sindicato dos distribuidores de jornais do Porto, tendo-se ocupado das notícias dos jornais da cidade que informam ter ela enviado um telegrama ao chefe do governo pedindo a suspensão do edital, quando se deu exactamente o contrário. Foi deliberado enviar novo telegrama ao chefe do governo e um officio expondo o que se está passando na classe.

Protestou contra o facto de no Centro de Publicações e na casa da distribuição do *Jornal de Notícias* se estar procurando obter nomes de vendedores, a fim de fazer acreditar, que a classe não quer o edital.

A U. S. O. e a empresa do *Jornal de Notícias* vão ser expostos os abusos que se estão cometendo. Ao governador civil vai ser enviada nota dos individuos que assinaram, manifestando concordância com o edital.

Funcionários municipais

A comissão de reclamações da classe, convidou todos os funcionários municipais, agremiados ou não, a reunirem em assembleia magna, amanhã, às 20 horas, na sala das comissões dos Paços do Concelho, para se tratarem assuntos de interesse geral para a classe.

ACABA DE APARECER:

BIBLIOTECA JUVENIL

A MORAL DO JOVEM SINDICALISTA

Por Amílcar Sarmiento (N. J. S. de Lisboa)

Folheto de 32 páginas

A' venda na administração de A Batalha Preço 420—Pelo correio 425

U. S. O.

Conselho de delegados

Reúne na próxima quarta-feira, pelas 21 horas, devendo comparecer também os delegados do Sindicato do Pessoal da Carris de Ferro e os camaradas Joaquim Cardoso, António Monteiro e Hermano Silva, para assuntos que aos mesmos e à organização dizem respeito.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de Agosto.—Realiza-se hoje às 21 horas, um grandioso baile.

Grupo Natuista Filhos do Sol

Reúne hoje na Trafaria, sendo o embarque às 8, em Belem.

Jantar de homenagem

Realiza-se hoje, em Colares, no *restaurant Camarão*, um jantar de homenagem ao camarada Alexandre Vieira, promovido pelo grupo «Os Abandonados».

MAIS BARATO...

Porquê? Porque as nossas fazendas de lá para fatos são fabricadas e vendidas directamente ao consumidor por preços baratíssimos.

Para quê?

Para beneficiar o público, porque se tornava necessário que alguém tomasse essa iniciativa, e nós

Donas da Covilhã

fomos os primeiros que para esse fim abrimos depósitos em Lisboa, à rua dos Fanqueiros, 187, 2.º e no Porto, à rua Fernandes Tomás, 302-A.

A CULTURA DA VIDA

Acaba de aparecer esta revista naturalista em substituição de *A Vida Natural*. Preço \$50—Pelo correio \$55

Teatro Maria Vitória

FEIRA AVENIDA PARQUE
HOJE—O maior sucesso
—dos últimos tempos—
A GRACIOSÍSSIMA REVISTA PANTASIA
em 2 actos e 11 quadros.
original de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudez, João Bastos e Henrique Roldão, musica de Alves Coelho

LUA NOVA!

Deslumbrantíssimos scenários, todos novos, de Salvador e Mergulhão, Eduardo Reis, filho, José de Almeida, Baltazar Rodrigues, Campos e Oliveira e Carlos Moura.—Maravilhoso guarda-roupa do professor Castelo Branco.—Esplendida mise-en-scene do actor José Climaco.

14 CORISTAS

Duas sessões às 8 1/2 e 10 1/2 da noite

AS GREVES

Operários mobiliários

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: Mais uma vez nos vemos forçados a uma situação de expectativa embora que pouco confiante — em vista da anunciada reunião do nosso patronato.

Abstraindo-nos um pouco do campo em que as circunstâncias nos colocaram, como simples observadores, auscultamos lá os campos adversos em que esta luta se dirige. Assim, desapoiada e friamente, presenciámos que dum modo geral os sacrificios se acentuam mais no campo patronal, onde mercê de vários factores — relatividade do meio, pequenos da indústria, dependência da parte industrial, deslealdade mútua, falta de mentalidade e abundância de má fé, etc.; — a desolação vai campeando e a debandada acentuando-se. Pode até afirmar-se que o patronato — industriais e lojistas — vão sofrendo já as consequências, mais de uma luta de interesses entre si do que propriamente dos ataques dos assalariados. Existe apenas uma diferença: — Nós, os operários, por instinto e por condição, somos mais rudes mas mais leais nas formas de atacar. Nós trazemos afixada ao rosto a máscara da hipocrisia: tratamos como tais os nossos adversários.

Entre os padrões não sucede assim. O maior inimigo do industrial é o lojista, até mesmo aquele que se jacta de benemerito porque um dia estabeleceu A ou B; quanto é certo que essa sua benemerência teve o fim reservado de empalar umas centenas de escudos nas mãos de um novo industrial que, reconhecido e escravizado, lhe virá a facultar no futuro um lucro de centenas de contos. A corroborar o que vimos de afirmar está o facto da existência dos lojistas enriquecidos em poucos anos e de uma grande parte de industriais cada vez mais escravizados e agrihoados sempre, ante o intermediário.

Não pode a nossa afirmação ser considerada leviana ou tomada à conta de um dolo hipocrita de nós pelos industriais que em regra de proporção também são nossos inimigos, visto que todos sentirmos que não mentimos.

Decidimos também entre si os mesmos industriais que procuram constantemente roubar uns aos outros a cança que os subjugam, buscando sempre o ensejo para oferecer por 3 o que o seu colega faz por 5, sem o escrúpulo de arrancar as diferenças ao esforço dos seus operários para meter nas burras dos lojistas.

Esse antagonismo, porém, tem-se acentuado mais neste período grevista. A solidariedade entre eles tem-se consubstanciado em, depois de os lojistas se terem arrastado mutuamente e cada um de per si ter arrastado alguns fornecedores, se terem conduzido a formular um compromisso de dinheiro — talvez por se considerarem sem honra — ante uma entidade cuja força e probabilidade desconheciam.

Apesar de presos ao tal compromisso, cada um parece ter gritado ao seu espírito egoista um *salve-se quem puder* e vá de procurar salvar-se mascarando as aparências. Debatem-se numa confusão em que por ignorância ou conveniência desconhecem ou fingem desconhecer mil e um casos de traição entre si que, no entanto, chegam ao nosso conhecimento. E' um confusionalismo intenso de *cartões de confederação*, de *salvos condutos* de *listas negras*, aos quais se obedecem e se põem de parte conforme as conveniências de cada um, ficando como bodes expiatórios os industriais mais tímidos que por não terem pessoal não tem encomendas e se deixam levar na voragem até aos limites da ruína.

Na febre de se salvar, atropelam-se e, pagando na mesma moeda, ludibriam a *patronal* que os enganou. Ontem mesmo, um industrial dos que se não deixaram levar pela rede *patronalesca*, nos contou o caso mais interessante deste conflito: — Um lojista *confederado*, pretendendo negociar livremente com toda a gente, adquiriu para um seu fornecedor menos escrúpulos um *cartão de confederação* e logo que este lhe satisfizesse a primeira encomenda, o mesmo lojista, com o mesmo cartão, foi ter com o nosso informador — que abomina a *patronal* — e propôs-lhe que lhe fornecesse mobiliário, com a condição de passar as suas contas com o nome do industrial para quem havia sido passado o tal *cartão*, a fim de evitar precauções.

Como se vê, é uma forma engraçada de viver!

O que se passa no nosso campo, é facilmente de descrever. Sem nos abanaharmos, temos sabido resistir através de tantas semanas, procurando restringir os nossos sacrificios sem nos prejudicarmos mutuamente e sem beneficiarmos os nossos adversários.

Com mais de 120 oficinas a satisfazerem-nos as reclamações — algumas até suplantando-as — e com um grande número de grevistas ocupados em outros misteres, restam-nos um bloco relativamente pequeno de desempregados, devidamente temperados todos estes ludadores para resistirem a todas as aguras da luta até cedência de todos os padrões.

Agora, já não se trata da questão material — afirmam-nos os nossos adversários.

Está muito bem. Nós aqui estamos para defender o nosso moral!

Se o moral dos nossos padrões pericula a culpa é deles próprios.

Como se vê, é uma forma engraçada de viver!

O que se passa no nosso campo, é facilmente de descrever. Sem nos abanaharmos, temos sabido resistir através de tantas semanas, procurando restringir os nossos sacrificios sem nos prejudicarmos mutuamente e sem beneficiarmos os nossos adversários.

Com mais de 120 oficinas a satisfazerem-nos as reclamações — algumas até suplantando-as — e com um grande número de grevistas ocupados em outros misteres, restam-nos um bloco relativamente pequeno de desempregados, devidamente temperados todos estes ludadores para resistirem a todas as aguras da luta até cedência de todos os padrões.

Agora, já não se trata da questão material — afirmam-nos os nossos adversários.

Está muito bem. Nós aqui estamos para defender o nosso moral!

Se o moral dos nossos padrões pericula a culpa é deles próprios.

Como se vê, é uma forma engraçada de viver!

O que se passa no nosso campo, é facilmente de descrever. Sem nos abanaharmos, temos sabido resistir através de tantas semanas, procurando restringir os nossos sacrificios sem nos prejudicarmos mutuamente e sem beneficiarmos os nossos adversários.

Com mais de 120 oficinas a satisfazerem-nos as reclamações — algumas até suplantando-as — e com um grande número de grevistas ocupados em outros misteres, restam-nos um bloco relativamente pequeno de desempregados, devidamente temperados todos estes ludadores para resistirem a todas as aguras da luta até cedência de todos os padrões.

Agora, já não se trata da questão material — afirmam-nos os nossos adversários.

Está muito bem. Nós aqui estamos para defender o nosso moral!

Se o moral dos nossos padrões pericula a culpa é deles próprios.

Coliseu dos Recreios

HOJE—A's 21,15 (9 1/4)—HOJE
Grandioso espectáculo de «box»
— 42 EMOCIONANTES «ROUNDS» 42 —
Reaparição de Faustino Pereira contra o campeão Reis Costa,
vencedor de Manuel Guita

COMBATE INTERNACIONAL

entre Mr. Pedrini (suíço) e Pedro Guerriff (italiano) — Silva Ruivo contra Silvestre Silva — Simões Nunes contra Carlos de Castro — Gilberto Fernandes contra António Novais — Faustino Rodrigues contra Mário Abreu — Francisco Brito contra Silva Rasteiro

Reaparição de Faustino Pereira contra o campeão Reis Costa, vencedor de Manuel Guita

entre Mr. Pedrini (suíço) e Pedro Guerriff (italiano) — Silva Ruivo contra Silvestre Silva — Simões Nunes contra Carlos de Castro — Gilberto Fernandes contra António Novais — Faustino Rodrigues contra Mário Abreu — Francisco Brito contra Silva Rasteiro

Teatros

Notícias

Estão adiantadíssimos todos os trabalhos referentes à *Revista do Praxedes*. Por esse motivo, a «première» do original de André Brun, com musica de Vasco de Macedo, effectuar-se-á na próxima semana, para inauguração da temporada de verão naquelle teatro.

Reclames

E' graciosíssima e está escrita ao sabor das nossas plateias, sendo uma peça genuinamente popular, a nova revista fantasia de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudez, João Bastos e Henrique Roldão, intitulada *Lua Nova*, com quem tem foi inaugurado o teatro Maria Vitória, instalado no Avenida Parque.

Os seus dois actos, sub-divididos em 11 quadros, decorrem entre uma animação extraordinária, sendo esultante de verve o de comédia, alusivo ao T. M. E. Tem scenas cheias de colorido e vivacidade, às quais lá também realça a musica de Alves Coelho. Outro grandioso successo da *Lua Nova* é o guarda-roupa maravilhoso de Castelo Branco, exuberante de beleza e originalidade, e as apoteoses de Salvador e

